

Waly Salomão – Fábrica de poema

sonho o poema de arquitetura ideal
cuja própria nata de cimento encaixa palavra por
palavra,
tornei-me perito em extrair faíscas das britas
e leite das pedras.

acordo.

e o poema todo se esfarrapa, fiapo por fiapo.

acordo.

o prédio, pedra e cal, esvoaça
como um leve papel solto à mercê do vento
e evola-se, cinza de um corpo esvaído
de qualquer sentido.

acordo,

e o poema-miragem se desfaz
desconstruído como se nunca houvera sido.

acordo!

os olhos chumbados
pelo mingau das almas e os ouvidos moucos,
assim é que saio dos sucessivos sonos:
vão-se os anéis de fumo de ópio
e ficam-se os dedos estarecidos.

sinédoques, catacreses,
metonímias, aliteraões, metáforas, oximoros
sumidos no sorvedouro.

não deve adiantar grande coisa
permanecer à espreita no topo fantasma
da torre de vigia.

nem a simulação de se afundar no sono.
nem dormir deveras.

pois a questão-chave é:

sob que máscara retornará o recalçado?

(mas eu figuro meu vulto
caminhando até a escrivaninha
e abrindo o caderno de rascunho
onde já se encontra escrito
que a palavra “recalcado” é uma expressão
por demais definida, de sintomatologia cerrada:
assim numa operação de supressão mágica
vou rasurá-la daqui do poema.)

pois a questão-chave é:
sob que máscara retornará?

Waly Salomão, Poesia total